

Viva a morte, abaixo com a inteligência!

Brasil, Bolsonaro e coronavírus

Cícero Portella



tradução: @bichodamontanha



we.riseup.net/coletivetoots

Texto original em Francês:

<https://lundi.am/Vive-la-mort-a-bas-l-intelligence>

Tradução: @bichodemontanha

foi digitalizada, formatada, revisada e liberta das excludentes convenções mercantis. Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome da autora.

Se reconece autoría, se desconoce propiedad.

La reproducción de este libro, a través de medios ópticos, electrónicos, químicos, fotográficos o de fotocopias está permitida y alentada por los editor@s.

ISBN - no es necesario (todes vamos a morir)

edición mundão 2020

Esse texto, que é uma trama entre cumplicidades, pode ser compartilhado, pois é livre de todas as lógicas contra as quais estamos lutando.



Introdução

No dia 23 de março, Jair Bolsonaro fez uma declaração oficial sobre o COVID-19. Ele disse: "É só uma gripezinha, um resfriado. Eu, por exemplo, por causa da minha idade e da minha história esportiva, se eu o pegasse, não teria nenhum risco" (uma afirmação que desde então se tornou comum). Naquela época, havia 345 casos no Brasil (em 3 de abril, estamos com 1138 casos), 34 mortes, a maioria no Estado de São Paulo. Os governadores dos estados da federação já haviam tomado medidas contra a contaminação: a suspensão das aulas nas escolas e universidades, o fechamento de empresas e o fortalecimento do sistema de saúde pública.

Desde então, associações de moradores da periferia do Rio, o movimento dos sem-teto, têm lançado campanhas de autodefesa e solidariedade popular. Em 1º de abril, o Congresso aprovou a Lei de Renda de Emergência Universal, que garante até 1.200 reais (200 euros) por mês às famílias, enquanto durar a pandemia.



Viva a morte, com inteligência!

"Queremos glorificar a guerra - a única higiene no mundo -, militarismo, patriotismo, o gesto destrutivo dos anarquistas, as belas idéias que matam e o desprezo pelas mulheres." - Marinetti, Manifesto Futurista, 1909 [1]

Ao contrário do que se possa pensar à primeira vista, é provável que Bolsonaro, no fundo, não seja um negador do Holocausto. Sabemos que é anti-ciência e anti-inteligência, mas você precisa entender que esse não é o cerne do problema. Temos diante de nós a mais pura celebração da morte. Devemos reservar um tempo para integrar bem esse fato, porque me parece que esquecemos que essas pessoas existem - o tipo que celebra a morte como um ato de purificação, como o extrato de Marinetti que usamos na epígrafe. Geralmente essas pessoas agem em silêncio. Bolsonaro é o clamor deles.

Os pobres morrem nas periferias? Tanto melhor, teremos uma redução da pobreza. Os detentos morrem? Tudo bem, isso significa menos bandidos no país. Velhos e fracos morrem? É a reforma ideal de aposentadoria do bolsonarianismo. Se essas afirmações parecem absurdas, basta imaginá-las pronunciadas por Bolsonaro, para que se perceba que não estão longe das "pérolas" usuais do "mito" [2].

Se não fosse por quarentena, os efeitos do coronavírus se assemelhariam a uma reforma proposta pelo ministro da Economia pinochetista, Paulo Guedes, o Liberal Primitivo.

Podemos estar muito apegados a histórias racionais. Isso nos limita a duas opções: ou somos razoáveis e seguimos as recomendações dos cientistas, ou somos negacionistas e causamos danos, porque não acreditamos na ciência. De qualquer forma, parece impossível que alguém possa conscientemente desejar a morte de uma boa parte da população.

Mas esta é precisamente a terceira opção a considerar, embora improvável. No entanto, a história mostra que o improvável acontece de tempos em tempos. Assim como havia um Nero e um Calígula, há um Bolsonaro.

Havia também José Millán-Astray, um personagem na Espanha de Franco, um soldado mutilado cujo lema era "¡Viva la Muerte! Os agentes da morte são numerosos, mas são poucos os que comemoram em voz alta. Se ele ainda estivesse vivo, Millán-Astray poderia ter recebido uma medalha da família Bolsonaro. [3] Ou, se não uma posição em sua equipe, um convite entre vizinhos para participar de um churrasco.

Millán-Astray assumiu o lobo. Bolsonaro ainda se esconde sob a pele de ovelha para muitos de seus apoiadores, especialmente os fiéis. Para poder aspirar ao cargo de presidente, aprendeu a qualificar, em certos círculos, sua franqueza franquista, apesar de tudo uma vida dedicada à celebração da morte.

Para aqueles que podem ser enganados, recomendo a leitura da Bíblia (Mateus 7: 15-16) sobre como identificar falsos profetas (ou falso messias). [4]

Para evitar ser atraído por uma pele de cordeiro, preste atenção não nas palavras, mas no trabalho de uma vida. Preste atenção aos frutos da árvore: você não colhe uvas no

espinheiro. A laranjeira não começa a crescer maçãs da noite para o dia. Bolsonaro pregou a morte toda a sua carreira - matar é uma obsessão para ele, seu credo e sua vocação. É uma obsessão para seus amigos, vizinhos, filhos. Seu símbolo favorito, o gesto que faz uma arma com suas mãos, é o completo oposto do sinal da cruz. É o gesto do crucificador, não do crucificado. É o prego, não a cruz. É, pura e simplesmente, o símbolo da morte, sua missão. Se alguém passa a vida inteira louvando Guerra e Morte, não surpreende que, quando chegar a hora, decida se casar com a Praga e a Fome também.

Bolsonaro não vai recuar. Ele sai para o tudo ou nada. Você precisa entender a mentalidade do culto à morte para avaliar a extensão do núcleo duro que o acompanhará nesta Campanha Mortal até o fim. Quais são suas motivações, sua profissão de fé, sua racionalidade? Seus partidários mais razoáveis - aqueles que se apegam à vida - já deixaram o navio. Há, no entanto, um círculo de fanáticos pronto para segui-lo até o abismo.

Ainda sobre o franquismo, Unamuno disse que “ele pode ser vitorioso, mas não convencerá”. O tirano pode conseguir uma vitória política ocasional com força, mas não pode convencer a inteligência. Eu acrescentaria que ele também não pode convencer o gosto do amor e da vida. Bolsonaro foi a vitória de tudo o que é "anti": raiva, ressentimento, tristeza. Tudo isso não pode durar.

Após um debate com Unamuno, Millán-Astray teria acrescentado uma cláusula ao seu lema, a fim de, além de celebrar a morte, condenar a razão: "Abaixo a inteligência, viva a morte!" " A inteligência, já sabíamos que estava conosco - mas não há dúvida agora que a vida também está do nosso lado. O navio está fazendo água, os ratos logo começarão a

deixá-lo. Bolsonaro cairá e, quando o fizer, não devemos esquecer aqueles que estavam ao seu lado. Uma vez que a boca grande se fecha, os silenciosos agentes da morte retomarão seu trabalho nas sombras, sombrias.

[1] Filippo Tommaso Marinetti, poeta e fundador do movimento futurista, cujo manifesto foi publicado por Le Figaro em 1909, também co-escreveu o Manifesto fascista de 1919 em apoio ao recém-nascido partido Mussolini. Todo o manifesto no site da revista: <https://www.lefigaro.fr/histoire/archives/2019/02/19/26010-20190219ARTFIG00263--le-figaro-publie-en-une-le-manifeste-du-futurisme-le-20-février-1909.php>

[2] "Mito", ou "myhte", é como os apoiadores de Bolsonaro se referem a ele, ou usam o apelido "Bolsomito". Seus oponentes sequestraram esse nome e dizem aos "bolsonaristas" que são "bolsominions", lacaios de Bolsonaro, como os jovens e estúpidos "minions" do filme infantil homônimo. Lacaios são seres cuja existência se resume a servir as criaturas mais abjetas.

[3] Flávio Bolsonaro, membro da Assembleia do Rio de Janeiro na época, entregou uma medalha de honra ao ex-policial militar e chefe do Escritório do Crime, o maior grupo paramilitar do estado, Adriano Magalhães da Nóbrega. Na época, Nóbrega estava na prisão, condenado por assassinato.

[4] Messias em português, como o nome do meio do presidente, Jair Messias Bolsonaro.



we.riseup.net/coletivetoots

Tradução @bichodemontanha



Esse texto, que é uma trama entre cumplicidades, pode ser compartilhado, pois é livre de todas as lógicas contra as quais estamos lutando.